Amadoras de pintura — SR.ª D. JULIA TOMAZ DA COSTA

N.º 329 Lisboa, 10 de Junho de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS PORTUGUEZAS E ESPANHA:

Ano, $800 — Semestre, $400 — Trimestre, $200

Illustração PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SECULO

Director e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE' JOUBERT CHAVES

Redacção, Adm'nistração e Officinas de Composição e Impressão: RUA DO SECULO, 43

REPUBLICA ARGENTINA

America do Sul

Colonia Dora na provincia de Santiago del Estero

ESTANCIA SAN RAFAEL PROVINCIA DE SANTA FÉ

Os proprietarios vendem lotes de terras irrigaveis de 10 a 50 hectareas na «Colonia Dora» pagaveis em 9 annuidades com todas as facilidades para o rego. Aos emigrantes agricultores proporcionam-se-lhes terras na «Estancia San Rafael» para o cultivo de cereaes, fornecendo os proprietarios animaes, machinas e demais objectos de lavoura, dando a credito durante o anno até á colheita o necessario para a alimentação do colono e sua familia. Como aluguer da terra, machinas e animaes cobra-se 20 % do producto liquido da colheita.

Para informes e planos dirigir-se aos proprietarios

ANTONIO L. AGRELO LIMITADA

Calle Corrientes, 459

BUENOS AIRES

Companhia do Papel do Prado

Socied. anonyma de respons. limitada

CAPITAL:

Acções	300.000$000
Obrigações	323.310$000
Fundos de reserva e amortisação	999.400$000
Total	950.310$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobreirinho *(Thomar)*, Penedo e Casal d'Herm o *(Louzã)*, Valle-Maior *Albergaria-a-Velha*. Installadas para uma producção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais ap rfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encommendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fórma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes.—*Escriptorios e depositos:* 270, RUA DA PRINCEZA, 276, LISBOA.—49, RUA DE PASSOS MANUEL, 51, PORTO.—End. teleg. em Lisboa e Porto: *Companhia Prado*. Numero telephs.: LISBOA, 605—PORTO, 117.

LOÇÃO DEQUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na ***Academia de Medicina de Paris*** contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabelludo L. DEQUEANT, *Pharmaceutico*, 38, Rue Cligoncourt, Paris

E em LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

FARINHA Phospho-Nourishing

MARCA TRADE-MARK PHOSPHO-NOURISHING POMBA

E' um alimento nutritivo e saboroso para todos os organismos, crianças convalescentes e adultos. Facilita a dentição e reconstitue o organismo. Recomenda-se por si. A' venda em todas as boas mercearias, drogarias e farmacias, onde se distribuem gratuitamente amostras e prospetos.

Peçam sempre a farinha marca POMBA

PREÇO DA LATA 450 réis

PREÇO DO PACOTE 120 RÉIS

Representante da PHOSPHO-NOURISHING

LARGO DE S. JULIÃO, 12, 1.º

PARA ENCADERNAR A

Ilustração Portugueza

Já estão á venda bonitas capas em percaline de fantasia para encadernar o ***segundo semestre de 1911*** *da «Ilustração Portugueza»:*

DESENHO DE OTIMO EFEITO

Preço 360 réis

Administração d'O SECULO—Rua do Seculo, 43, LISBOA

REMEDIO DE ABYSSINIA

Antiasthmatico

EXIBARD

SOBERANO CONTRA

CATARRHO - ASTHMA - OPPRESSÃO

30 Annos de Bom Exito. Medalhas Ouro e Prata.

28, Rue Richelieu, Paris.

Ourivesaria "CHRISTOFLE"

Fabrica só uma Qualidade

A Melhor

Para obtel-a exigir esta Marca

e tambem o nome CHRISTOFLE em cada objecto.

UNIÃO PHOTOGRAPHICA INDUSTRIAL

ESTABELECIMENTOS

LUMIERE ET JOUGLA

REUNIDOS

PLACAS · PAPEIS · PELLICULAS · PRODUCTOS

Trabalhos typograficos em todos os gener

Fazem-se nas oficinas da

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZ

O sarau vicentino no "atelier,, Teixeira Lopes

A festa de arte, realisada em Gaia, no magnifico *atelier* do grande escultor Teixeira Lopes, foi um d'aqueles raros momentos que nunca mais esquecem as pessoas venturosas que a eles assistem, e que bela seria do mesmo modo em qualquer parte da Europa, onde reinasse a mais fina cultura artistica. A casa do eminente estatuario é um precioso museu, onde ele de ha muito acumula amorosamente tudo que nos encanta pela linha, pela côr, pela evocação e pela harmonia. Essa casa pareceu-nos, ao mesmo tempo, um templo e um palacio, e é d'esta oficina encantada que tem saido a obra esplendida do escultor, os seus marmores sonhadores e os seus bronzes severos, as suas imcomparaveis estatuetas de crianças, os seus velhos evocadoramente melancolicos, e tantas outras figuras que ao artista trouxeram a perfeita consagração, entre nós e no estrangeiro. Foi n'este *atelier* principesco, cheio de moveis de arte, de quadros, de faianças, de tapetes e colgaduras preciosas, de *bibelots* raros, que se realisou a 19 de maio ultimo a Festa Vicentina, *matinée* organisada por Afonso Lopes Vieira, com a cooperação distintissima dos primeiros atores do teatro da Republica, de Lisboa, e oferecida pelo eminente escultor ás pessoas das suas relações, entre as quaes se conta tudo que em Gaia e no Porto ha de seleto e de ilustre. Essa festa, verdadeiramente inegualavel pelo seu brilho e esplendor esteticos, começou ao som do orgão, tocado pelo

1 e 2—Aspectos do salão onde está instalado o teatro e onde se representou parte do programa. 3—O *monologo do Vaqueiro* no quarto de Teixeira Lopes.

distinto amador sr. Moreira de Sá, seguindo-se a leitura das palavras seguintes, escritas por Afonso Lopes Vieira para abrir a *matinée*, e recitadas por Chaby Pinheiro no palco do teatrinho do *atelier*, instalado n'um dos numerosos salões da casa:

Minhas senhoras, meus senhores: —

Teixeira Lopes e Afonso Lopes Vieira organisadores da festa

O nosso grande mestre Gil subiu hoje esta colina propicia aos estatuarios e veio albergar-se em casa de um dos maiores artistas da sua terra.

Quiz mestre Gil, com muito agrado, sagrar com a presença do seu genio este lar de Beleza, onde nos encontramos.—Os *ateliers* dos artistas são as egrejas da Arte,—que é a religião eterna. E' n'estas oficinas do Sonho que se respira a calma atmosfera que só as coisas belas criam; e n'elas, mais que em nenhum logar, se fica longe da guerra tumultuosa e ruidosa dos homens.

E mestre Gil sentir-se-ha contente em Gaia, na velha Gaia da lenda, cantada no Romanceiro:

E o rei veio de cilada,
d'além do Doiro passar,
e furtou a linda moira,
a irmã de Alboazar.

Dona Gaia que diria,
que faria Alboazar...

Gaia é o nome do castelo
que ali Gaia fez queimar.

Sabem vossas excelencias que as obras de Gil Vicente foram quasi todas representadas nas camaras e nas salas dos paços, e é d'alguma sorte uma evocação d'essas festas da Renascença, ao mesmo tempo intimas e suntuosas, o que se vai passar aqui. E os versos do velho mestre,—que além de ser tamanho poeta, dizem que foi tambem grande escultor de joias, — hão-de ouvir-se com dobrado encanto n'este *atelier*, onde tem sido criados, palpitantes das mãos bemditas do artista, tantos blocos radiosos de Beleza.

Será este o programa da festa:—*Monologo do Vaqueiro, Exortação á guerra contra os mouros de Azamor* e—representado no jardim,—*Todo o Mundo e Ninguem*.

E ainda para que a festa fique de todo assinalada, assistiremos á criação d'uma nova figura vicentina, que Augusto Rosa estudou e compoz expressamente para esta tarde:—veremos, pela vez primeira, *Frei Paço*, da tragi-comedia chamada *Romagem de Agravados*, representada em 1533.

Minhas senhoras, meus senhores: a festa vae começar!

Em seguida, encaminhou-se a assistencia para a ante-camara do quarto de dormir do dono da casa, aposento suntuoso onde se admiram muitos dos mais preciosos objetos artisticos,—e foi neste cenario real e extraordinario que se representou o *Monologo do Vaqueiro*, recitado por Adelina Abranches com superior encanto, secundada pelas figuras mudas de que se encarregaram Jesuina Saraiva e Aura Abranches,

nas *rainhas*, Carlos d'Oliveira no *rei D. Manuel* e Luz Veloso na *Duqueza de Bragança*, entrando no final, ao som do orgão sempre invisivel, os pastores com as suas ofertas ao principe recem-

Uma parte da assistencia

1—«Todo o mundo e ninguem», representado no jardim 2—Trabalhos do artista

nascido. Foi um quadro soberbo, que produziu uma impressão inesquecivel e uma comoção intensissima nos convidados de Teixeira Lopes. Passou-se depois ao teatro, tocando de novo o orgão, e aí foi criada por Augusto Rosa a personagem de *Frei Paço*, o frade cortesão que usa espada dourada, sendo feita ao grande ator uma ovação que coroou o talento e a gentileza com que ele mimoseou a assistencia, mostrando-lhe pela primeira vez uma nova figura do teatro Vicentino.

Chaby Pinheiro recitou depois, pela esplendida fórma por que o tem feito em Lisboa, a *Exortação á guerra contra os mouros de Azamor*, sendo bisado este trecho, magnifico de ardor guerreiro.

Em seguida ao serviço que se realisou na sala de jantar n'este intervalo, e durante o qual se trocaram entusiasticos brindes, representou-se no jardim *Todo o Mundo e Ninguem*, desempenhado por Augusto Rosa, Alexandre de Azevedo, Chaby Pinheiro e Henrique Alves, tendo os atores como fundo a fachada medieval da casa, e produzindo o conjunto um lindissimo efeito, com as escadas e as janelas povoadas de senhoras, que punham a nota finissima das suas *toilettes* n'esta decoração de verdadeiro sonho. E assim terminou esta festa maravilhosa, e tão bela que só seria possivel realisá-la em casa d'um artista que reunisse, como Teixeira Lopes, ao grande prestigio e á grande gloria do seu nome, a posse d'uma habitação admiravel como é o seu *atelier* de Gaia.

PINTORAS PORTUGUEZAS

NO "ATELIER,, DA DISTINCTA PROFESSORA DE PINTURA, D. EMILIA SANTOS BRAGA

1—Aspéto do «atelier» vendo-se a illustre professora com as suas discipulas á hora da lição. 2—A professora e um grupo d'alunas: 1, Sr.ª D. Etelvina Lobo dos Santos e Silva; 2, D. Sára Lamarão Bramão; 3, D. Julia Tomaz da Costa; 4, D. Alda Santos e Silva; 5, D. Filomena de Freitas; 6, D. Helena Ferreira; 7, D. Alda Freire d'Andrade; 8, a distinta professora D. Emilia Santos Braga; 9, D. Camila Pinto Coelho; 10, D. Maria Eduarda Vasconcelos

Aspétos do «atelier». Retrato da sr.ª D. Maria Emilia de Vasconcelos que não se encontrava presente quando se fotografaram a sua professora e condiscipulas—(Clichés de Benoliel)

A ROMARIA DO ESPIRITO SANTO EM SANTO ANTONIO DOS OLIVAES

Quem quizer surpreender em flagrante a alma ingenua do povo tem de ir ao seu encontro nas romarias, nas feiras, ou na sua ingente labuta do mar e dos campos.

Coimbra, se não possue nos seus arredores tantos santuarios como o Porto, que da primavera ao outono em todos os domingos póde gosar as delicias d'uma festa popular, ainda assim algumas romarias disfruta de certa importancia, como são o Senhor da Serra de Semide, a Nazaré de Ribeira de Frades e o Espirito Santo em Santo Antonio dos Olivaes, pitoresco arrabalde da cidade, tendo-se esta ultima realisado durante a semana passada.

1—Merenda de romeiros. 2—Ballados ao som dos harmoniuns. 3—O mercado da loiça caracteristica d'esta romaria. 4—Os romeiros no cerro

O primitivo convento de Santo Antonio originou-se n'uma pequena ermida dedicada a Santo Antão, que existiu n'aquele local e que a rainha Urraca, mulher de Afonso, «O Gordo», doou em principios do seculo XIII aos filhos de S. Francisco d'Assis.

Se dermos credito ás velhas cronicas monasticas, foi este o primeiro convento de franciscanos que o popular taumaturgo portuguez Santo Antonio conheceu ao abandonar a opulencia e o conforto dos anafados cruzios que na «cidade» visinha viviam no mosteiro fundado no seculo XII, por Afonso, «O Conquistador» O edificio do primitivo convento foi abandonado e só mais tarde, no seculo XVI, reedificado com o auxilio de D. João III, passando então a outra religião. Em novembro de 1851, sendo já propriedade particular, foi o edificio devorado por um pavoroso incendio, escapando unicamente a egreja onde da primitiva fabrica se encontra apenas o portico, cujo estilo é completamente diferente de todo o resto.

A capela do Espirito Santo não está situada no convento, mas mais além no fundo d'um vale e nem todos os romeiros teem a precisa coragem para a visitar, afrontando o mau caminho que lhe dá acesso. E' curiosa, porque lhe brota no interior uma fonte, por certo uma ninfa pagã a cris-

tianismou e ingenuamente santificou. Em tempos de maior fé, o cabido da catedral de Coimbra, cantando primeiro no mosteiro de Sant'Ana certo ofício funebre á memoria do bispo D. Afonso de Castelo Branco, vinha em procissão ali celebrar missa solene na primeira oitava do Espirito Santo. Quando ao descer o monte se divisava a capelinha, a procissão estacava e, de joelho em terra, todos cantavam o hino «Veni creatur spiritus!» Hoje a festa limita-se á visita do povo dos arredores, que ali vae em ranchos alegres dançar e comer apetitosos farneis. O dominsa o dia á sombra dos pinheiros em merendolas e danças em que ha muito de caracteristico e genuinamente portuguez.

A paisagem dos arredores, esplendida de harmonia e delicadeza, dá ao tom verde negro das oliveiras certa melancolia que se casa lindamente na alma sonhadora dos poetas academicos que lá tem ido buscar o estro inspirador da sua lira tangedora.

E quando á noite, esquecidas as tristezas da vida n'um dia de folguedos, todos regressam á cidade tocando em campainhas de barro fabricadas pelos ce-

3—Diante da ermida. 4 — Feirando a loiça

No terreiro da ermida (Clichés Tovim)

go é destinado á gente da cidade que, pela tarde, transportada em carros eletricos, enche a trasbordar as ruas do pequeno logar e o terreiro da egreja, d'onde se disfruta o panorama vastissimo dos «saudosos campos do Mondego». A segunda feira é para o povo das aldeias que lá passam ramistas de Bujos e Miranda, que veem feirar na festa, acompanhando as canções populares em voga, o barulho é ensurdecedor e dá bem idéa de quanto é alegre e boa a alma simples do nosso povo.

MESQUITA DE FIGUEIREDO.

A RECITA DE DESPEDIDA DO QUINTO ANO JURIDICO

1—Sr. João de Lebre e Lima, autor da letra da Balada. 2—Sr. José Antonio Marques, um dos autores da peça. 3—Sr. Antonio Joice, autor da musica. 4—Sr Manuel Murêa, um dos autores da peça.

5—Arnaldo Forte, autor dos versos. 6—Grupo de tricanas: sentados, srs. Mascarenhas de Lemos, Tavares de Carvalho e Mario Jacome. De pé: Gomes d'Abreu, Gama Leão, Anibal Campos e Prospero Correia

Quando as tilias começavam de florir, era de antiga usança em Coimbra realisarem os quintanistas de Direito a recita de despedida.

O velho Teatro Academico, n'essa noite, acendia todos os candieiros de petroline, arroupava colgaduras e flôres, ornava-se de pastas simbolicas,

7—Sr. Francisco Menano, autor da musica do fado. 8—Sr. Aarão de Lacerda, um dos autores da musica. 9—Sr. João José de Brito e Silva, presidente da comisão e principal organisador da recita. 10—Sr. Marques da Cruz, autor da letra 11—Sr. Matos Chaves ensaiador

1—Sr. Anibal Campos a «Peixeira» 2—Sr. João Madeira, vogal. 3—Sr. Jorge da Cruz Jorge, vogal. 4—Sr. Antonio Cortez, tezoureiro. 5—Sr. Sergio Tarouca, «Gabriel d'Annunzio». 6—Uma apresentação: José Menezes. «Temudo Pacheco»: Eurico Nogueira. «Abel»: Perry Vidal, «menina Lina»: Raul Cesar, «Romeu».

quente dos ouropeis das fardas, havia um tilintar sonoro de risos, o estrondear de vozes que falavam alto, todo um estremecimento de

donde pendiam, rubras como papoilas, largas fitas de sêda adamascada, e assim garrido, abria suas estreitas portas a convidados sómente.

Cêdo ainda, muito antes da hora aprazada, já por todo o vasto salão da plateia, pintalgado das manchas negras das casacas e capas de estudantes e do brilho franca e comunicativa alegria.

Pelos camarotes,—bocêtas pequeninas—apinhava-se uma multidão de senhoras. Surgiam, desnudados, perversos braços macios, colos brancos coruscantes de joias ricas, emquanto pelo ar mórno vagueavam bafos de perfumes.

7—«Demonio da Boemia», H. Fernandes Costa. 8—Mario Jacome. «hespanhola»

maternaes, não passam já de negras mortalhas em que se afogam mocidades irriquietas.

Uma dôr acerba flutúa agora por todo o vasto recinto onde se acotovela um publico escolhido. Ha bailes de lagrimas nos olhos meigos das noivas e das mães; e no palco, as vozes mal reprimem soluços fundos.

Mas uma vez caído o pano, toda essa nuvem se dissipa; e a alegria buliçosa doira novamente a sala imensa.

Lá dentro, toda uma multidão de *atores*, em estrondoza vozearia, por entre risos ou imprecações, reclamando trajes, demandando cabeleiras, exigindo batons, inunda aos magotes os bafientos e exiguos camarins «de paredes *ilustradas*, com muitos nomes e muitas datas,» para, d'aí a momentos, n'uma exibição de costumes espaventosos, palidos sob a caiadela do pó de arrôz, ocuparem os seus logares.

O contra-regra, perolado de suór, dá ordens, retoca a cena, passa ainda os olhos, receioso de que alguma coisa falte, pela comprida lista dos adereços. Emfim!... Tudo a postos!... Tudo pronto!... Rebôam, secas, as tres pancadas do estilo; e vagaroso, n'um murmurio casquinante, ergue-se o pano.

Por entre ditos de espirito, correm ligeiros esses átos picaros, que os literatos mais facetos do curso, foram incumbidos de escrever.

Amontoam-se as charges á velha Universidade, ás figuras magestosas dos lentes, aos academicos em evidencia e aos futricas *celebres*, e assim, n'um *ridendo castigat mores*, a representação avança até ás cinco ou seis da madrugada, quando já não ha mais garrafas de Champagne

Mas o tempo corre leve. E a um gesto vigoroso do maestro, eis que a orquestra ataca, ávante, os primeiros compassos do Hino Academico.

Um frémito de delirio, morde mais ainda todo esse publico entusiasta que instintivamente se levanta. Ha um arrastar surdo de cadeiras.

Batidas em cheio pela luz morbida dos candieiros, as jo'as tremulinam cintilações diabolicas.

Os sons elevam-se mais alto, vibrantes como notas de clarim. E quando, n'um esgotamento, morre o ultimo compasso, as palmas estralejam cerradas, durante longos minutos.

O pano sóbe então. Em meia laranja, apinhados na cena minuscula, os quintanistas, corretos em capa e bat'na, entoam a Balada. N'um tom vago de elegia, evocam perfis bisantinos de tricanas palidas, cantam recordações d'esses fugazes cinco anos, suspiram despedidas carinhosas.

As capas, essas capas «rôtas, velhinhas» que durante toda uma formatura os aconchegaram

1—Sr. Bebiano Correia, vogal. 2—Sr. José Menezes, «compère» da peça «Em tres tempos» 3—Sr. Gomes d'Abreu, vogal. 4—Sr. Arnaldo Forte «Coimbra» 5—Sr. Mario Pina Cabral, secretario—(Clichés Tinoco)

para estoirar, a alegria é mais intensa e os olhos brilham mais extranhamente.

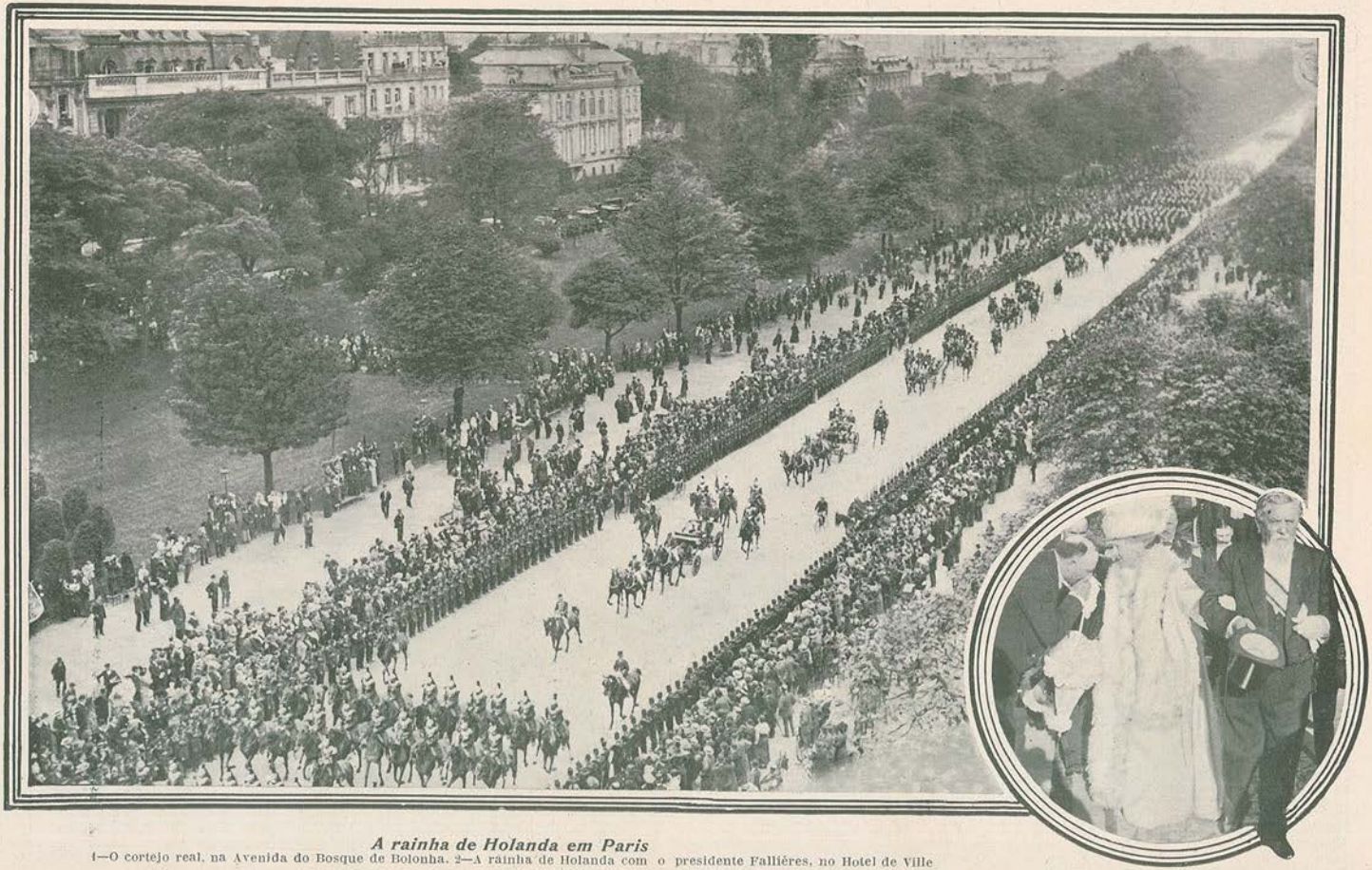
Era sempre assim e assim foi até á deploravel gréve academica que a todas as praxes deu morte cruel. Desde 1907, as poucas tentativas de resurgimento não mais teem sido do que projetos vagos sem efetivação possivel. E estaria condenada a jamais se realisar por certo, se João de Brito e Silva, n'um alevantado esforço, secundado por um forte montão de condiscipulos, trabalhadores infatigaveis, não pretendesse fazer avigorar tão velha praxe. Depois de uma luta tenaz sem afrouxamentos de energias, mostra-se emfim em toda a pujança de grandeza e fórmas. Circumdada pelo nimbo da lenda, renasce agora. E uma vez bem viva, aos cursos subsequentes, n'um imperioso dever, cumpre respeital-a.

Fal-o-hão?

Coimbra, maio de 1912.

Afonso Rodrigues Pereira.

1—Sr. Gomes d'Abreu. «Tricana» 2—Sr. Tavares de Carvalho «Reforma». 3—Sr. Tavares de Carvalho «Elegante» 4—Sr. Ribeiro Vaz. «Mimi Aguglia» 5—Sr. Mario Jacome. «Parisiense» 6—Sr. Francisco Massano, «Madame de Chardonay»



A rainha de Holanda em Paris

1—O cortejo real, na Avenida do Bosque de Bolonha. 2—A rainha de Holanda com o presidente Falliéres, no Hotel de Ville

O AUTO DE MOFINA MENDES EM CASA DO SR JOSÉ LINO J.OR

A representação do «Auto da Mofina Mendes», de Gil Vicente, em casa da sr.ª D. Maria Emilia Macieira Lino e do sr. José Lino Junior, teve o maravilhoso condão de ser, ao mesmo tempo, uma elegantissima festa mundana e uma notabilissima festa de verdadeira e bela arte. Bem poucas vezes conseguem harmonisar-se estes aspétos, e é por isso mesmo que esta recita ficará como um alto exemplo de bom gosto, de nobre patriotismo, de amoravel e culta veneração pelo nosso passado literario e artistico, onde avulta com gigantesca estatura o genial poeta dramatico que encheu com os seus Autos o periodo mais brilhante da historia portugueza.

E tão certo é que esta recita vicentina reuniu estes dois aspétos,—o mundano e o artistico,—que ao passo que os cronistas da elegancia celebravam com entusiasmo os

1—*Mofina Mendes*, sr.ª D. Maria Emilia Macieira Lino. 2—No prologo, *O frade*, sr. José Lino Junior. 3—*O anjo Gabriel*, sr.ª D. Hortense Braz Fernandes Reis

multiplos encantos da festa,—o ilustre critico de arte sr. dr. José de Figueiredo, o autor glorioso dos estudos sobre Nuno Gonçalves e diretor do Museu de Arte Antiga, publicava estas palavras rubricadas pelo seu autorisadissimo nome: «Como justamente o disse o grande poeta Afonso Lopes Vieira, foi uma autentica «festa de beleza». Transformou-se, com o Auto, tudo que podia fazel-o reviver na sua mais absoluta e comovida verdade; e o Auto surgiu-nos diante dos olhos maravilhados com toda a frescura primitiva». Com efeito a representação da «Mofina Mendes» tem um poderoso alcance como exemplo e ensinamento—e ficou demonstrado que Gil Vicente é tão proprio para ser interpretado perante a multidão dos teatros publicos como diante das assistencias requintadas nos salões da sociedade.

Gil Vicente vae retomando d'este modo o seu logar perante o Povo e perante a «élite»,—ele que foi com brilho e genio incomparaveis, o poeta do Povo e o dos Reis.

Só por si, isto bastaria para notabilisar excécionalmente esta representação, que traduziu um esforço nobilissimo por parte d'alguns amadores da nossa arte, entre os quaes se contam desde agora como beneméritos os ilustres donos da casa onde a «Mofina», após 378 anos, ressuscitou.

A sr.ª D. Maria Emilia Macieira Lino encarregou-se do dificil e graciosissimo papel da «Mofina», que representou, recitando bailando, e cantando, com o talento de uma verdadeira artista.

A «Virgem» foi desempenhada pela sr.ª D. Alda dos

1—*A Annunciação*. 2—*A Virgem*. 3—A Henrique Anjos, Pedro Joice Diniz, sr. Antonio Felix

cena do pote de azeite quebrado: srs. sr.ª D. Maria Emilia Macieira Lino e da Costa Junior

Santos Lino, que ideou uma lindissima Madona.

Recitando os versos do seu papel com um sentimento verdadei-

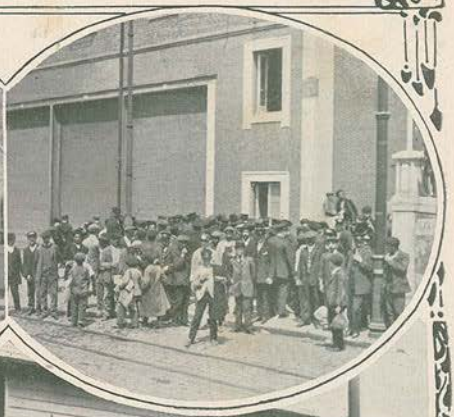
1—*A Virgem*. sr.ª D. Alda dos Santos Lino. 2—O baile de *Mofina Mendes*. 3—A cena do nascimento

ramente lirico, sabendo achar todas as delicadas inflexões atravez do tom ligeiramente «cantado» que fôra adótado por todas as figuras, a sr.ª D. Adelaide Coelho da Cunha desempenhou a «Prudencia», uma das quatro «Virtudes» que acompanham a «Virgem»; sendo a sr.ª D. Laura dos Reis Ferreira primorosa a «Fé», assim como a sr.ª D. Maria Tereza Machado Ferreira, na «Humildade», que detalhou com linda piedade, e a sr.ª D. Ester Buzaglo, na «Pobreza».

Foram egualmente encantadoras de talento e de aspéto decorativo a sr.ª D. Hortense Braz Fernandes Reis, no «Anjo Gabriel», que iluminou o Auto com a sua mancha de ouro, e as sr.as D. Alice Rei Colaço e D. Adelina Santos Guimarães, formosissimas nos «Anjos» musicos e cantores.

Todos os vestuarios d'estas figuras foram feitos segundo «croquis» de Raul Lino que desenhou todos os «costumes», e confecionados com tecidos da casa Pick, de Berlim.

A GREVE DOS ELETRICOS



1—Diante da fabrica da eletricidade
2—Em Santos: O pessoal vigiando a estação.

3—No Arco do Cego: O pessoal á porta da estação.

4—Em Santo Amaro: Os soldados guardando a estação.

O pessoal dos eletricos declarou-se em gréve após o despedimento d'um condutor que agredira um revisor de quem recebera insultos. Exigiram desde então os grévistas não só a readmissão do colega mas tambem a de todos os que tinham sido despedidos quando da gréve geral de Janeiro além de aumento de sa-

1 — Pessoal grevista 2—Uma boa carreira do carro do *Chora*. 3—Uma comissão de vigilancia dos grevistas—(Clichés de Benoliel)

salarios a todas as classes da companhia á excéção de revisores, expedidores e empregados de escritorio que d'esta vez não tomaram o partido dos grévistas.

Comissões de vigilancia instalaram-se diante das estações, na séde da associação realisaram os grévistas sessões deliberando enviar delegados á Companhia que se recusou a tratar com eles.

A Camara Municipal autorisou que os carros de todo o distrito fizessem carreiras na cidade, apresentando Lisboa o mais pitoresco dos aspétos com esses curiosos meios de transporte de que faziam parte diligencias ruraes, auto-diligencias e até carroças que o publico aproveitou durante a gréve.

A companhia deliberou fazer a readmissão do pessoal antigo que lhe merecesse confiança e abriu concurso para a entrada d'outro destinado a todos os serviços, á excepção dos referentes ás classes que não aderiram ao movimento, tendo começado a inscrição em 6 de junho nas estações do Arco do Cego e de Santo Amaro.

1—Os carros da antiga casa real servindo de transportes aos carteiros. 2—Um auto-diligencia fazendo carreiras em Lisboa. 3—Transportes de carteiros. 4—Uma galera do Jacinto armada em «char-à-bancs» 5—Um carro do «Chora» atulhado.
(Clichés de Benoliel)

O CONCURSO DE PECUARIA

Começou-se de ha uns anos a esta parte a impulsionar a creação de varias especies de gado. Isso faz-se, mercê da Associação d'Agricultura, que tomou a seu cargo esse acertado movimento. Desde então os creadores começaram a ter maiores cuidados com os exemplares e d'este modo nas exposições do Campo Grande appareceram magnificos animaes.

Em 3 de junho realisou-se um d'esses concursos no mesmo local do Campo Grande, estando os animaes divididos por secções de touros holandezes e turinos, vacas turinas e holandezas, adolescentes turinos, adolescentes holandezes, tendo sido distribuidos premios aos melhores exemplares que se apresentaram.

Bois reprodutores o primeiro premio, 20 libras em ouro, para o animal pertencente ao sr. Franco Canas; o dos adolescentes ao exemplar do sr. Maximo Manuel; bois reprodutores de raça holandeza, a um boi do sr. Palha Blanco e dos vitelos a um belo exemplar do sr. Castanheira das Neves. Um animal de raça turina que pertencia ao sr. Canas Silvestre, recebeu uma menção honrosa em virtude de já no ano anterior lhe ter sido concedido o premio em ouro.

1—A direção da Associação de Agricultura e membros do juri. 2—Aspeto da exposição. 3—O juri examinando um dos exemplares. 4—A apresentação d'um touro (Clichés Benoliel)

O chefe do Estado esteve na exposição vendo alguns dos magnificos exemplares, sendo-lhe oferecido no chalet das Canas um «lunch» pela direção da Associação de Agricultura.

Tambem o ministro do fomento esteve no local do certamen, elogiando muito a exposição e sendo acompanhado pelo sr. dr. Oliveira Feijão, diretor da Associação de Agricultura, que a promoveu.

TRES QUADROS DE ZULOAGA

Dos *Salons* parisienses d'este ano eu julgo de toda a justiça destacar tres grandes obras — obras fortes, violentas admiraveis — que se impõem no nosso apreço, seja qual fôr a nossa opinião sobre os pr ncipios d'arte a que as suas concéções obedeceram e os processos de tecnica de que o autor se serviu para exprimil-as. Essas tres obras são aquelas que o ilustre pintor hespanhol Ignacio Zuloaga expõe com os titulos de *La victime de la fête*, *Le Christ du sang* e *Mon oncle Daniel et sa famille.*

Eu creio que a critica franceza, aplaudindo com certas restrições esses trabalhos, nem sempre soube compreendel-os· d'aí a sua hesitação evidente; d'aí, n'algumas das suas observações, o absurdo desconchavo. As telas do pintor hespanhol são uma maravilha de carater, de firmeza, de expressão. E' uma pintura sobria, veemente, dire mesmo brutal, de uma

1—O artista por ele proprio. 2—A vitima da festa

quasi monocromia onde o negro predomina e onde a psicologia de cada figura se não dilue em amaneirados fundos de aguarela.

Conhece-se ali a mão d'um mestre que continúa a serie brilhante dos interpretes da Hespanha. A sua arte, grande e poderosa vem, em linha reta, da de Greco, o evocador prodigioso da alma de Toledo.

Zuloaga não é um naturalista: é um psicologo. A sua Hespanha não é por isso uma Hespanha para reproduzir em programas de excursões a meios preços. E' essa Hespanha incorrigivelmente med'eval, beata até ao fanatismo, amorosa até á crueldade; é a Hespanha das superstições, dos misterios, das bruxas, d'esses dramas que a gente adivinha con-

contemplando a sinistra paizagem dos seus burgos austeros; a Hespanha de Cervantes, a um tempo épica e grotesca, dos gentíshomens valorosos, dos burguezes pançudos, dos bandoleiros e dos grandes senhores; é a Hespanha negra da Inquisição. a Hespanha vermelha das paixões violentas, dos toireiros, das *majas*, das *gitanas*, d'essas figuras estranhas de bôbos que se diriam foragidos da côrte d'um Filipe IV para se perpetuar de seculo em seculo; a Hespanha agarrada á tradição, inseparavel d'ela, não dominando jámais os impulsos semi-barbaros do seu *sangre*, não enchendo de ar e luz o seu Escurial, nem reduzindo a proporções modestas os queixos dos seus reis.

Essa Hespanha que Zuloaga, exprime com uma ntuição que maravilha, essa «colossal Castella» que obseca e que ele proprio diz «desejaria fixar sobre uma tela de *refajo* (a mais grosseira de todas) com pinceis de ferro forjado, sem outras côres além do ocre amarelo e do negro», não a suspeitam, a bem dizer, os criticos francezes. Eles amam, ou fingem amar, o exotismo quando ele se lhes mostra em pormenores de pitoresco ao alcance das pretenções d'um *cliché*. O exotismo das almas desorienta-os. E, assim, eles reclamam a vida precisamente onde ela existe, despida de atavios, desmascarada, flagrante, não já a vida imperecivel, d'um povo e d'uma raça.

Essas tres telas agora expostas mostram o autor definitivamente seguro do seu processo. O traço é firme, energico, decidido. Não ha nas suas figuras um arrebique superfluo, um gesto equivoco, um movimento indeciso.

Não ha nos seus quadros uma pincelada inutil; toda a retorica desapareceu d'ali. E se as suas composições, em conjunto, são admiraveis, certas figuras d'elas podem considerar-se de per si como obras primas. A mulher da extrema esquerda do quadro da familia Daniel vale bem todos os retratos que aparecem nos milhares de telas agora á vista nas exposições do «Grand Palais». *Paulo Osorio.*

1—«Meu tio Daniel e sua familia» 2—«O Cristo do sangue»—(Clichés Vizzavona)

FIGURAS E FACTOS

No bairro Grandela inaugurou-se a Academia democratica Luiz Grandela» iniciando-se assim as festas cujo produto reverterá a favor da fundação d'um posto de socorros contra incendios.

Falaram na sessão solene os srs. drs. Bernardino Machado, e Carneiro de Moura, e o sr. Rozendo Carvalheira.

1—No bairro Grandela: A inauguração da «Academia Democratica Luiz Grandela.» As creanças do orfeon e o sr. Grandela (Cliché Benoliel) 2—Mrs. Jacques Teitel, W. Terlo, Ismael Zangwill, dr. Fochelman, os delegados israelitas estrangeiros que estão em Lisboa tratando da cessão de terreros em Angola para o estabelecimento da colonia judaica. 3—Um trecho da feira d'Oliveira de Frades. 4—Na romaria de Matosinhos: Aspéto dos trapézios de barcos. 5—Na romaria de Matosinhos: Um detalhe da feira. (Cliché Alvaro Martins)

literaria e musical para a entrega do premio D. Domitilia de Carvalho, apresentando-se varios trabalhos interessantissimos das alunas, entre eles a moldura do quadro de honra feito pelas alunas da sr.ª D. Céo Beça, Sára Manaças e Izabel Cabral.

Tambem constituem factos dignos de registo especial as conferencias feitas pelas alunas da 4.ª classe, Eulalia Gomes Valente d'Almeida sobre a «Conquista do ar», e Gertrudes Amalia Bernardes sobre a «Influencia da civilisação asiatica no genio grego», tendo ambas exposto com muita facilidade e clareza e revelado belas qualidades de inteligencia e de assimilação para compreenderem e condensarem assuntos tão complexos.

Os ultimos exercicios sportivos no liceu Pedro Nunes decorreram com grande entusiasmo, assistindo a eles grande numero de senhoras e dando os estudantes magnificas provas.

No liceu Maria Pia, o nosso primeiro estabelecimento de instrução para o sexo feminino, realisou-se uma sessão

1—O diretor do liceu Pedro Nunes com a comissão organisadora da festa. 2—As alunas do liceu Maria Pia, a quem coube o premio Domitilia de Carvalho. 3—Os alunos do liceu Pedro Nunes que tomaram parte na festa desportiva em 2 de junho 4—O diretor d'instrução publica com o corpo docente do liceu Maria Pia no dia da distribuição do premio Domitilia de Carvalho. 5 e 6—As alunas do liceu Maria Pia—(Clichés de Benoliel)

Continúa o grande desenvolvimento da Escola d'Arte de Representar onde os alunos, sob a direção do ilustre escritor sr. Julio Dantas, teem feito progressos ainda ha dias afirmados com a representação das peças classicas, cujas cenas reproduzimos.

1—Os frades de Gil Vicente, exteriorisados por alunos da Escola da Arte de Representar: *Mordomo*, Francisco Lage. *Frei Narciso*, Arnaldo Brandeiro. *Frei Rodrigo*, Artur Mateus. *Frei Martinho*, Otelo de Carvalho. *Frei Paço*, Luiz Ripado. *Frei Capacete*, Felix do Amaral. *Moça Florença*, D. Sára Lima. *O frade da flauta*, D. Marina Rodrigues. 2—*Frei Capacete*, ao *Auto da Barca do Inferno*, Felix do Amaral e Sára Lima. 3—O ministro do Interior no Sanatorio Souza Martins com o governador civil da Guarda, dr. Lopo de Carvalho diretor do Sanatorio, o sr. João Soares administrador do concelho, o aspirante Lucio Martins, capitão Amaral e dr. Lumiares gerente do estabelecimento. 4—O ministro do interior, na Guarda: Diante do governo civil onde recebeu os cumprimentos oficiaes—(Clichés Aires)

A NOSSA RIQUEZA FLORESTAL
E O
Vandalismo

O Pinhal de Leiria é a nossa maior floresta. E que floresta! Daria á vontade para ligar Lisboa a Cintra, desde o Terreiro do Paço, ou sejam 25 quilometros de comprimento, na largura do Terreiro do Paço a Algés, ou sejam 9 quilometros.

Tem um valor superior a dois mil contos de réis; mas escusado é dizer que o Estado não tira d'essa propriedade o lucro relativo ao seu valor. Ainda se a trouxesse bem cuidada e guardada, mais pela simpatia e respeito dos povos limitrofes, conseguidos com boas medidas de administração, do que pelo medo da força!...

Muitas dezenas de hectares lhe teem sido devorados por incendios que lhe lançou mão criminosa, movida pelo despeito; muitos dos melhores exemplares teem sido derrotados pela machada do primeiro arboricida selvagem que lhes jurou exterminio. E todos esses crimes revoltantes teem ficado impunes!

Quem se não lembra d'aquele formoso e gigantesco pinheiro do Cabo do Mato, proximo de Vieira, que, acariciado pela brisa do mar, meneava languidamente a sua cabeça ramalhuda, a 37 metros do solo, sobre uma base de 4 metros de circumferencia, postado ali como uma sentinela, a quem tivessem confiado a vigilancia da região? Pois, quando se ia fotografal-o para lhe apresentar na «Ilustração Portugueza» a envergadura soberba e ao mesmo tempo elegante, encontrou-se, com dolorosa surpreza, o gigante estatelado no chão, golpeado por mão traiçoeira e estupida, que se escapou da cadeia, como de certo não escaparia outra que, n'um momento de providencial justiça, a tivesse cortado em flagrante crime!

Plantar arvores, fazer-lhes á roda uma festa que consagre o ato, é sem duvida uma grande lição educativa, mas não o é menor o castigo infligido a quem, só pelo instinto de fazer mal, aproveita a solidão para matar uma arvore, talvez por não ter encontrado no local um homem, pae ou irmão que fôsse, em que cevasse esse instinto feroz.

E não é só mão oculta que se tem assinalado em crueldades no no Pinhal de Leiria. O proprio Estado, pela mão da sua administração tecnica, tambem tem mostrado que, apezar de tantos seculos em demanda da civilisação, ainda não lográmos expungir de todo a influencia da dominação vandalica na peninsula. Dos arabes, essencialmente agricultores, que, para fixarem as dunas terriveis da Extremadura, semearam o Pinhal de Leiria, mais tarde coutado por D. Diniz para régio regalo, ficou-nos o amor á terra e á arvore; dos vandalos ficou-nos o que tristemente se vê. Uns, por aquele lado, a fazer com tanto amor, com tantas canceiras; outros, por este, a destruir estupida e desalmadamente.

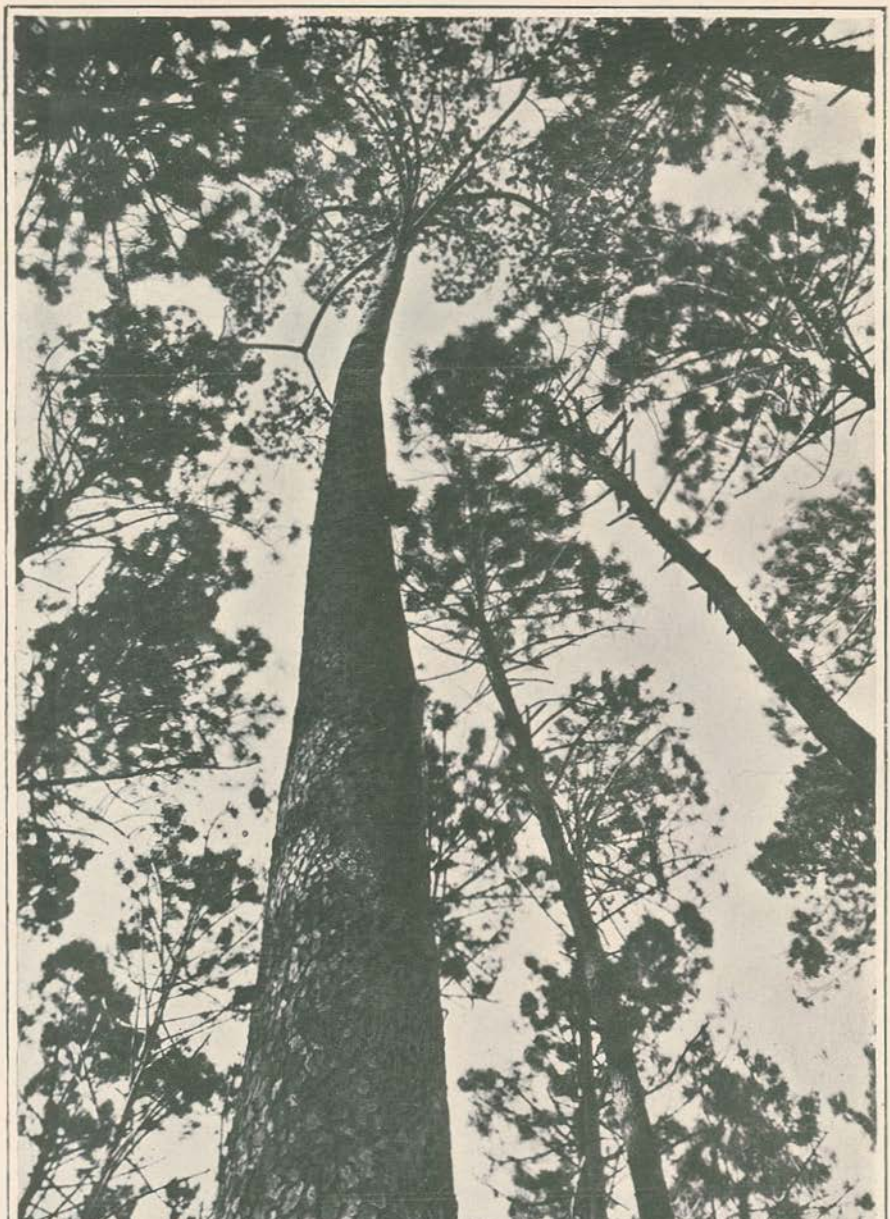
A estrada da Marinha Grande a S. Pedro de Muel, atravessando o Pinhal de Leiria, era um maravilhoso tunel de verdura, de pinheiros velhos, elegantemente esguios, como em geral são todos os da nossa primeira floresta, crescendo muito juntos. Pelo

1—Pinheiro de 35 metros de altura e 3,m 20 de circumferencia, com cêrca de 100 anos de edade. 2—Pinheiro de 37 metros de altura e 4 metros de circumferencia. Existia no Cabo do Mato, perto da Vieira. Quando se ia fotografar com toda a sua magestosa envergadura, viu-se com dolorosa surpreza que mão criminosa o havia feito baquear, machadando-lhe o belo tronco.

1—Paisagem dos arredores de Leiria.

espirito dos que tiveram ensejo de admiral-a, nunca passou a sinistra idéa de que um dia essas duas belas orlas de arvoredo se iriam arrazando a eito, recebendo o Estado em troca uns miseraveis vintens e mandando plantar amoreiras, castanheiros e não sabemos que mais, pelo meio de pinheiros, com os quaes não ha arvores que lutem com vantagem pela vida. Pois, assim suce-

2—Aspéto da estrada da Marinha a S. Pedro de Muel, onde houve corte ha mais de 10 annos, deixando-se alguns pinheiros velhos a marginal-a e plantando-se por entre eles castanheiros e amoreiras
3—Aspeto da estrada da Marinha Grande a S. Pedro de Muel, no sitio que se conservou arborisado
4—Aspeto da estrada da Marinha a S. Pedro de Muel no sitio onde lhe derrotaram o arvoredo, n'uma extensão de 400 metros, facto que o «Seculo» registou com triste estranheza. (Todos os clichés d'este artigo são do distinto fotografo-amador da Marinha Grande, sr. J. de Magalhães Junior)



O pinheiro mais alto do Pinhal de Leiria. Mede 41 metros de altura e 3.m 70 de circumferencia, tendo cêrca de 130 anos de edade. A fotografia foi tirada com a maquina voltada para cima, porque este belo e imponente exemplar está rodeado de outros tambem gigantescos, que não permitiam fotografal-o de outra fórma.

deu com pasmo geral, e o facto foi comentado dura e publicamente, sem que todavia esses comentarios levassem as estações competentes a atalhar tão deploravel derrocada. Pobre Pinhal de Leiria!

A merenda democratica oferecida no Choupal ao sr. dr. Afonso Costa por ocasião da sua visita a Coimbra—(Clichés do sr. José Gonçalves)

O ilustre professor de piano sr. Rei Colaço com as suas discipulas e vendo-se a seu lado a distinta pianista sr.ª D. Virginia Batista (Cliché Benoliel)

AS ULTIMAS PROVAS DO GRUPO D'ARTILHARIA A CAVALO

Os recrutas d'artilharia deram umas excelentes provas praticas no campo. Pela nova lei do exercito os soldados da arma de artilharia teem seis mezes

de aprendizagem na sua arma e para os varios regimentos foram escolhidos mancebos de todas as classes e com as condições de robustez necessarias para tão violentos exercicios. Homens do campo e da cidade, ricos e pobres, com qualidades de servirem, foram alistados nas baterias, fizeram d'uma maneira admiravel o seu serviço e d'isso demonstraram cabalmente no campo com as suas acertadas manobras.

Primeiro fizeram-se os grandes exercicios de infantaria, nos arredores de Lisboa, e logo os recrutas foram licenciados; agora coube a vez aos corpos de artilharia que vão tambem receber os novos soldados desde que estes estejam dados por completamente aptos, o que sucederá em breve.

Em 28 de maio o grupo de artilharia a cavalo foi para os campos de Belas ao Sabugo e

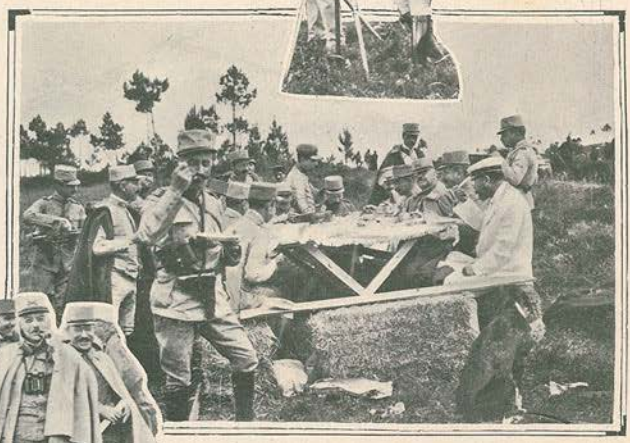
1—Espétadoras das manobras. 2—Fugindo á chuva. 3—O ministro da guerra assistindo aos exercicios. 4—Os ajudantes d'ordens vencO decorrer o exercicio. 5—Na linha de fogo

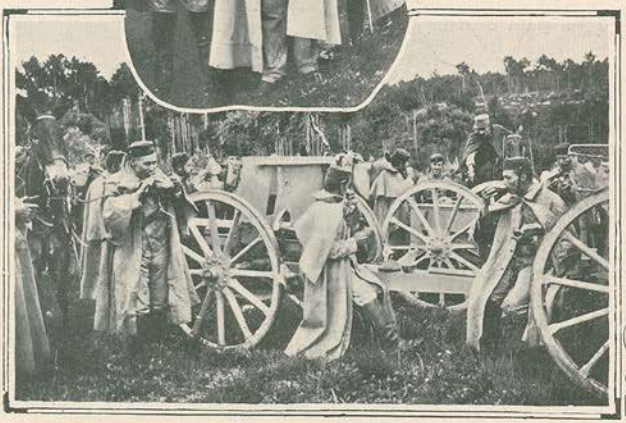
admiravel precisão que honra soldados e instrutores.

O ministro da guerra e o estado maior seguiram, atravez dos binoculos d'alcance, a trajetoria dos projeteis e só tiveram que louvar a maneira porque decorreu essa prova final.

O funcionamento dos outros serviços, como os de manutenção foram magnificos, demonstrando bem o cuidado com que se está procedendo dentro dos regimentos, depois da lei do serviço militar obrigatorio, e isso nota-se em tudo, desde a fórma de tratamento dos soldados até á comida que lhes é fornecida e que é excelente, como se viu com o rancho distribuido n'este exercicio de artilharia a cavalo.

de A da Beja a D. Maria e um pouco acima do casal da Corujeira, n'um terreno acidentado postaram-se as baterias. Pinheiros e urzes barram os caminhos, pedras soltas formam parapeitos e no planalto ha como um ponto de investigação admiravel. Os soldados colocam-se nos seus postos; carregam-se as peças e n'isto começa a cair uma chuva grossa que perturba o bom funcionamento da linha de fogo. Os alvos são colocados á distancia de 2600 metros e o tiroteio começa com uma





1—A caminho do campo de operações. 2—Seguindo o tiroteio. 3—O almoço dos officiaes. 4—Officiaes seguindo o exercicio. 5—Durante o rancho
(Clichés Benoliel)